



O ACADEMICO

Organ scientifico e litterario

ANNO III

S. PAULO, 11 de Agosto de 1901

Num. 4

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Rua Carlos Gomes n. 16.

Redactor-chefe: MELLO NOGUEIRA JUNIOR

11 DE AGOSTO

A briosa mocidade academica sente-se hoje intensamente effusiva ao commemorar uma das suas mais queridas e gloriosas dactas — Onze de Agosto! Foi nesse memoravel dia do anno de 1827 que, pela fundação das « Academias de Sciencias Sociaes e Juridicas » de Olinda e S. Paulo, a juventude brasileira se viu livre das humilhações e desdens que pacientemente soffria em Coimbra. Foi então que rasgamos o laço universitario que ainda nos prendia á ferrenha Luzitania como em 1822 despedaçámos o liame politico que nos algemava. E assim se tornou uma realidade a aspiração de eminentes brasileiros como Martim Francisco, Fernandes Pinheiro e outros que, na dissolvida Constituinte de 23, pugnam tão brilhantemente pelo completo exito de tão grandiosa idéa! Veiu tarde mas fructificou, e seus beneficios e patrioticos resultados ahi estão em juriscultos, estadistas, diplomotas, littera-

tos, oradores, como que para servirem de attestado solemne do papel altamente grandioso e utilitario que representam estes dous baluartes da Sciencia!

E' para cá que a Patria nos seus dias mais lacrymantes e angustiosos lança suas vistas prenhe de esperanças e onde encontra lenitivo para suas dores e remedio para seus males. E diante de uma tradição tão grandiosa, mais responsabilidade sentimos no nosso grato dever de condignamente commemorar essa dacta refulgente. O *Academico* compenetrando-se desse indispensavel dever leva suas sinceras saudações ao nosso venerando Director, Barão de Ramalho, levantando ao mesmo tempo um respeitoso VIVA! á memoria do benemerito Visconde de S. Leopoldo, que foi o primeiro a erguer sua voz em pról da creação de um curso superior de Direito, no Brasil!

S. Paulo, 11 — 8 — 1901.

"ASTRÉA"

AO SR. ARMANDO V. PRATES

Nunca poderei perdoar aos aggressores, por isso que nunca os tinha offendido, nem sequer os conhecia de nome, nem me constava que o imbecillismo produzisse tão perigosos maniacos.

CAMILLO.

Na tarde do dia 16 do mez passado palmilhava eu calmamente as

ruas centraes da Paulicéa quando fui acodadamente informado por um amigo, que um jornaleco publicado naquelle dia atacára acerbamente o *Academico*. Pouca importancia liguei á communicação julgando ser mais alguns ignaros e colmilhosos critiqueiros d'esquina, que mais uma vez inconscientes se atiravam, comicamente estracinhantes, sobre meus escriptos. Mas, suspendi esse primeiro juizo, ao saber que o ataque a mim dirigido era lealmente assignado por um alumno do 4.º anno de nossa Faculdade: fuão Prates. Immediatamente procurei ler o jornal e tomar informações sobre tal individuo e vim a saber, por um seu co-estadino e companheiro de casa, que era de um talento peregrino, de um profundo preparo philosophico e adorador fanatico de Tobias Barretto e Sylvio Romero. Pensei comprehender logo a razão dos ataques a mim dirigidos pelo tal philosophico e fanatico senhor.

E' que eu estudando ligeiramente Romero pulo no logar onde realmente deve estar e não nas alturas intangiveis onde seus veneradores o collocam, nem nas obscuras e insondaveis profundidades, como quem seus desaffectedos. Vim a saber mais que, o sr. Armando Victorino Prates, é sempre extremado em todas as suas convicções, isto naturalmente por ignorar que « as theorias extremadas dão logar á illações inadmissiveis ».

Ao ler o seu *pequenino* artigo logo notei o tom aggressivo, indelicado e mesmo paternal com que era escripto, tom esse, aliás, que muito se coaduna com suas feições de velhinho caduco e rabugento.

E' que s. s. leu, por exemplo, as *Polemicas* do seu adorado Tobias e não poudo entender a razão de ser daquellas descomposturas. E como é triste e vergonhoso adorar-se um homem sem o comprehender! Naturalmente o meu collega não ignora que o seu idolatrado auctor dos *Estudos Allemães* começou sua vida defendendo umas idéas philosophicas não muito conhecidas no Brazil de então e com um ar pedantesco e reformador, provocando assim, de uns criticas justificaveis e de outros aggressões insolitas e embusteirias como, para exemplificar, a do collega contra mim. Ora, Tobias Barretto tropical como era, julgando-se incomprehendido por aquelles criticos e aggressores, procurava, convencel-os ás suas idéas, lançando mão da unica arma compativel com o sangue ardoroso que lhe corria nas veias — a violencia. Eis porque o deus do meu collega era incisivo e rude nos seus escriptos; eram respostas á cutiladas recebidas. Mas comnosco nada disto se deu, jámais o *Academico* se referiu á *Astréa*, mesmo porque ella ainda não existia, e no entanto esta no seu primeiro numero, quando devia apparecer como uma pessôa delicada, cheia de palavras amaveis, vem apedrejando tudo, desafiando todos como uma bohemia impudica e desordeira! Seria o mesmo sr. Victorino, que alguém fosse á sua casa, para visital-o pela primeira vez, e chegando lá começasse a descompol-o possessamente. Ah! é que s. s. quiz imitar o talentoso sergipano mais não o comprehendeu.

O meu collega (perdoando-me a ousadia de chamal-o tal) começou seu artigo dizendo que « não haveria vantagem em se correrem os olhos pelas columnas d'O *Academico*, si nelle não tivessem collaborado os srs. X. de Almeida, A. Silveira e P. Doria.

Pois eu em relação á *Astréa*, utilitarissimo senhor, não serei tão rigorista pois ao se correrem os olhos pelas suas *diminutissimas* columnas intituladas: *Epistola Carioca*, *Anachronismo Criticista* e *Academico*, ver-se-á logo que ellas têm effeito mais prompto que o mais poderoso remedio contra insomnias. E' que o sr. Prates em tudo procurando achar vantagem não quiz que seu republicano jornal deixasse de trazer alguma. Em seguida diz que na apreciação que eu fiz de Sylvio Romero e seus escriptos não fallei em nenhum delles. Por aqui se deprehende que o meu collega é de uma ingenuidade pueril pois entende que é possível alguém escrever impressões criticas sobre um homem, cujas obras não conhece e sobre as quaes não falla. Deprehende-se mais que

s. s. não comprehende o que lê pois que si tivesse entendido aquelle esboço de critica veria que, eu não poderia conhecer as queixas de seu mestre, si não tivesse lido a *Historia da Litteratura Brasileira*; eu não saberia que elle começou sua vida ferindo desarrazoadamente a todo o mundo, si não tivesse lido os *Estudos de Litteratura Contemporanea*, para onde foram trasladados artigos publicados em 1870, 1872, 73 e 74 em diante. Procure o collega ler as criticas que Sylvio fez, quando estudante de Direito, no *Diario de Pernambuco*, e verá si tenho ou não razão no que disse delle. Como eu poderia saber que Romero é autolatr-o que duvido que me neguem, si não tivesse lido grande numero de suas obras? Como eu poderia saber, philosophico senhor, que a « maior auctoridade philosophica entre nós (!) era mau poeta si não me tivesse dado ao ensosso trabalho de ler os *Cantos do fim do Seculo* e os *Ultimos Harpejos*, de uma lyra gasta e fraca, livros estes publicados em 1878 e 1883? Ah! o collega foi caipora neste ponto, não pensou no que escreveu. E tu! ingrata philosophia porque não vieste acudir ao teu sapientissimo cultor neste momento critico? — Diz mais o meu collega que a primeira pagina do *Academico* está inficionada pelo *virus anti estylisticus* a ponto de quasi contaminar s. s. Não tenha medo collega, quem tem juncto de si o *virus morphinicus* e o *anti grammaticalis* nada tem a temer. — « Sentimos muito, porém, que o collega se entregue tanto á leitura de escriptores estrangeiros, descurando o cultivo das obras classicas de nossa lingua », eis o que me diz mais o sr. Prates. Ora, sr. Armando, eu jámais tive a pretensão de cultor emerito dos nossos classicos, como parece ter o collega, e nunca escrevi « sob a egide da deusa, a que deu o poetico nome de *Astréa* », como fez s. s. no seu artigo de fundo, linha 66 e 67. Leio ás vezes uns classicos, como Garcia de Rezende, João de Barros, Vieira, Bernardes e tambem escriptores mais modernos Herculano, Latino Coelho, Camillo e outros, para evitar contaminar-me dos gallicismos que cada vez mais augmentam, mas até hoje ainda não encontrei *poetico nome* ou cousa parecida em nenhum delles. E' que o collega foi precipitado, quiz estudar os classicos saltando por cima da grammatica. Logo em seguida vem o redactor d'*Astréa* dando-me uns senis conselhos sobre leituras, composições, etc. Ah! collega, s. s. se deixou levar pela mania dos conselhos como qualquer Cons. Acacio pelos necrologios! E' a tal cousa,

quasi todo o brasileiro aconselha e medica. Quanta vez não me canço de rir ao ouvir um maltrapilho qualquer, que mal sabe fallar, dizer que o governo devia fazer isto e aquillo para salvar a Patria? E que conselho foi o collega dar-me? Quer que eu siga um methodo que não deu bons resultados com s. s.; não collega, guarde-o para si e para os seus, pois delle não necessito. Eu não tenho a mania de aconselhar mas si a tivesse diria ao meu collega que estudasse mais um pouco de grammatica, antes de se agarrar aos classicos, para evitar nos seus escriptos vicios de locução, orthographia (que apontarei si o collega quizer) e de collocação de pronomes, como, por exemplo, aquelle « desviam-se » do seu artigo de fundo. Será esse o melhor caminho para bem entender e comprehender os classicos. Continuando o seu artigo diz o sr. Prates « que não me preocupe com mediocridades do quilate » de seu mestre, naturalmente para me preoccupar com superioridades do quilate do discipulo. Quanto aos *tiros* que falla si tal houve não foi de mim que partiram e sim de s. s. ou de alguém de sua trempe, embora o collega se julgue incapaz disso. *Stultorum numerus...*

Vem depois, o philosophico, fanatico e conselheiro sr. Prates, perguntando como eu quero elevar á dignidade de erudito, de justo orgulho para a Patria, a um homem que eu não julgo poeta, jurisconsulto, prosador nem critico? Permitta o sr. Victorino que eu diga ser esta pergunta uma perfeita calinada. Então o conhecimento humano só abrange aquelles quatro ramos que enumerarei? Pensará isso o meu collega?! Não, é impossível porque, si assim fosse s. s., seria um ignorante só digno do *paradise of fools* de Milton.

Collega — eu o considero algo erudito, não tanto como seu mestre Romero, e no entanto s. s. não é poeta, nem jurisconsulto, nem prosador nem critico. Isso que o sr. Armando escreveu contra mim, julgando ser critica, não é tal, pois, que hoje não se usa mais fazel-a com a descompostura nos labios e a fécula na mão; o que o collega fez foram simples *critiquices*. Leia qualquer classificação de sciencias (mesmo aquella muito engraçada de S. Romero) e de artes e verá quanto o conhecimento humano se estende. Sylvio Romero poderá ser erudito em assumptos philosophicos sem ser philosopho, em critica sem ser um critico, etc., etc. A erudição philosophica não é base unica para que um individuo se julgue philosopho, é preciso digerir o que lê. Assim o collega não pôde ser um critico por-

que não comprehende o que lê, e é por isso que acho bom ler mais uma vez, com attenção, o que eu disse no meu artigo em relação a «orgulho para nossa Patria». Fallo da erudição do auctor de *Uma Esperteza* em relação ás suas investigações sobre o nosso folk-lore, e sobre nossos escriptores passados na *Historia da Litteratura Brasileira*, nessa obra de pequeno valor critico, mas de bom merecimento historico.

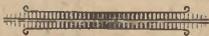
O meu collega remata o seu artigo dizendo vaidosamente que, si realmente Romero fosse contradictorio, como eu provei, s. s. protestaria vehementemente contra a sua entrada para a galeria dos principes das letras, naturalmente para mandal-o com o seu valiosissimo protesto para a galeria dos lacaios das letras! Ao ler esta parte do seu artigo (isto lhe conto muito ás escondidas) um meu collega de anno sahiu resmungando: *pretensão e agua benta...* Um invejoso do sr. Prates, de certo.

— Muita cousa ainda tinha a dizer, ao meu collega, mas é pequeno o espaço que disponho no *Academico*, vejo-me pois na dura contingencia de ficar aqui por hoje, deixando para o proximo numero, si fôr preciso (o que não espero) mais algumas esplanações. Não sei qual foi o fim que visou o sr. Prates ao me atacar tão injusta e desarrazoadamente, talvez o ter lido o jornal com espirito de critica ou então o desejo de se salientar aos olhos de seus collegas e do publico. Quero aceitar a primeira hypothese porque a segunda só é digna de um impostor, idiota e imbecil.

Ao terminar peço ao collega sr. Armando V. Prates complacencia para alguma phrase que por acaso possa ir offendel-o, mesmo de leve, pois que isso jamais foi meu intento tanto mais quanto me sympathiso muito com s. s. apezar de não mantermos relações mutuas. Acho que não será este artigo que impedirá um dia de apertarmos as mãos talvez como amigos!

S. Paulo, 2 — Agosto — 1901.

MELLO NOGUEIRA.



ΕΠΙΤΑΦΙΟ

Aquí jaz Floriano Pinto,
Morto na flôr de seus annos:
O mais magro entre os Florianos
Jaz neste estreito recinto.
Esperava o illustre extincto
A nota do exame seu,
No fim do anno; quando leu
Que fôra simplificado
Cafu p'ra traz o coitado,
E de desgosto morreu.

UM SONHO?

A' medida que a intelligencia se desenvolve e o horizonte se alarga, á maneira que as tradições historicas, a extensão do territorio, da communhão social, da influencia litteraria e scientifica constituem e ennobrece a patria, levanta-se e avulta, com os pés no passado e a frente no porvir, uma figura ideal, thesouro de todas as saudades, nascentes de todos os bens, immorredouro objecto de orgulhosa veneração.

E' a ella que cada qual deve seu nome, sua lingua, sua posição e officio no mundo. E' a mãe, enfim, a parte mais intima de nós mesmos, aquella cujos males fazem correr as nossas lagrimas, cujas humilhações nos entumescem as veias, aquella que cobrimos com o nosso corpo.

Ah! que de ciúme viril, que de alegria e de angustia, quanta raiva e enthusiasmo, se concentra no amor da patria!

ANDRÉ LEFÈVRE.

Não foi o auctor destas linhas quem deu á nossa Academia o qualificativo de ninho de aguias; não lhe incumbe pois justifical-o. Nem é nosso intento referir-nos exclusivamente a ella sinão a todas as escolas de ensino superior do paiz.

As tradições porém daquelle estabelecimento lhe constituem o dever de assumir a iniciativa, em todos os assumptos que respeitem á collectividade academica da Republica. Eis porque as nossas palavras, primeiro que aos outros, a elle se dirigem. Como de todas as outras escolas, desta tem sahido abundante cópia de talentos que se immortalisaram no cultivo das letras.

E como a litteratura é um dos factores desse sentimento complexo e nobilissimo, dessa manifestação, dessa fórmula depurada e altruistica do amor, que se chama patriotismo; evidente se torna a influencia benefica exercitada pelas escolas no fortalecimento da união nacional. Melhormente que vias de communicações terrestres, fluviaes ou maritimas, o livro attenúa e vence as distancias, approximando os habitantes de sul e norte, de este e oeste.

A gloria de um Gonçalves Dias não pertence apenas á sua provincia natal: todos os brasileiros, qualquer que seja o sitio que hajam tido por berço, reivindicam para o patrimonio nacional esse nome acclamado e querido.

Essa corrente de sympathia, esse fluxo continuo de fecunda solidariedade, que oxalá não mingüe com o afrouxamento dos laços politicos e administrativos operado pela federação,— reclama o maior desvelo da parte das gerações nascentes.

Emquanto o Brazil se mantiver unido, emquanto perdurar a homogeneidade nacional, o seu futuro estará garantido; nem conhecemos mais antipathica e criminosa idéa que a da separação. O fraccionamento da unidade nacional seria a morte de cada uma das partes. Bem sabemos que um systema politico pregôa o desmembramento das grandes nacionalidades; não acreditamos porém que os seus adeptos queiram applicar esses principios ao nosso paiz, não obstante ver-se frequentemente empregada a expressão—*patrias brasileiras*. Não se diga que é uma locução innocente: a linguagem guarda estreita connexão com o pensamento. E' preciso abolir esse modo de dizer, para que os ouvidos inexpertos da puericia se não habituem a receber com familiaridade aquellas palavras perigosas. A patria é uma, e malquistos sejam de todo bom brasileiro aquelles que, em nome de conceições suppostamente scientificas, cogitarem do seu parcellamento.

Mas não basta zelar internamente pela integridade della; outra questão existe, mais difficultuosa e transcendente

Falla-se ahi todos os dias da supremacia da raça anglo-saxonia sobre a latina. Os barbaros que hontem vieram abeberar-se na caudal da civilisação hellenica e romana, alimentam hoje a velleidade de annihilarem os seus civilisadores. E discursam convictos em nome da humanidade: o aproveitamento do planeta pelos mais fortes — eis a divisa arrogante. Aos povos fracos só cabe o direito de submeter-se. E não escasseiam sabios que justifiquem essa pretensão com a chamada lei da selecção natural. E' muito conhecida dos agricultores a força, a exuberancia com que se alastram certas plantas nocivas, a ponto de eliminarem as culturas proveitosas. O poeta portuguez já o referiu naquella estupenda introdução do seu poema:

... Ao ferro do maldito
Oppõe a natureza o ventre de granito.
Lança-lhe pelo campo hervas ruins, daminhas,
Que vão como um rebanho a devorar as vinhas.

Si lhe fosse dado, a esse *rebanho* damninho, pleitear os seus direitos, não duvidamos que se apadrinhasse tambem com a lei de Darwim...

Como quer que seja, o perigo ahi existe, e profundos pensadores já o apontaram. Agora, pois, mais do que nunca, devem os povos latinos congregar-se; entretanto, que vemos na America do Sul? Divergencias e discordias entre as jovens Republicas. A obra de aproximação, de congraçamento desses diversos nucleos de população consanguinea é,

sem duvida, uma das que merecem occupar em mais alto gráo as atenções e cuidados aos governos respectivos. Mas a política internacional, por si só, seria impotente si não accorressem por ajuda-a os particulares atilados.

E quaes dentre estes o fariam com mais ardor e communicativo entusiasmo do que a mocidade?

Trata-se de fundar a federação academica; pois bem, o digno remate desse enlace affectivo não é a sua extensão a todas as escolas congêneres sul-americanas? Assim procedendo, terão as classes estudiosas do Brazil concorrido para a formosa empreza da colligação latina.

Estudantes hoje, estadistas amanhã, a sympathia que houverem consolidado aquelles, não deixará certamente de inspirar a política destes no governo. E nem seja motivo de desânimo a comparação da exiguidade dos meios com a magnitude do fim. Não é mister ser poeta, para perceber a força extraordinaria que o amor é susceptível de desdobrar.

Demais, lancemos as vistas áquelles microscopico operario que, das profundezas do oceano, erige até á flor das aguas essas ilhas de coral.

O infinitamente pequeno é capaz de gerar o infinitamente grande: a natureza nol-o mostra passo a passo. Quem pudera conjecturar que na minuscule semente lançada ao seio da terra estivesse virtualmente encerrado o gigantesco jequitibá?

E que clarissimo padrão de gloria para a mocidade academica, si da semente generosa que ella porventura semeasse nos corações, viesse a rebentar a arvore magestosa da fraternidade latina neste continente!

Julho — 1901.

JOAQUIM X. DE ALMEIDA.

HONTEM E HOJE

(BLASCO)

Hontem, quando a meu lado um mundo vias
De amor e de ventura,
/no (Ha seis horas passavamos) dizias:
—«Quão pouco o tempo dura!»
E, vendo que eu partia, amargurada,
Cheia de dôr sincera,
Falavas com uma voz apaixonada:
—«Ainda é tão cedo... Espera!»

Hoje mais longo o tempo e parece,
E enfadonho o prosar:
Que é triste ouvir, quando a affeição fallece,
A pendula soar.

Do relógio do visinho as horas contas:
—«São seis... são sete... e mais!»
E, bocejando, a porta já me apontas:
—«E' tarde; tu não vais?»

O' coração, que augmentas e que encurtas
As horas hontem doces e hoje amargas!
Quando desponta o amor ellas são curtas,
Mas quando elle declina são tão largas!

AGENOR SILVEIRA.

O ARTIGO 29

«Compete á Camara a iniciativa do adiamento da sessão legislativa e de todas as leis de impostos, das leis de fixação de forças de terra e mar e a declaração da procedencia ou improcedencia da accusação contra o presidente da Republica, etc., etc.» — *Const. Federal.*

Estabelece neste artigo, a nossa Constituição, uma limitação ao poder iniciativo do Senado. A carta constitucional do Imperio tambem estabelecia, nos artigos 36, 37 e 38, a iniciativa privativa da camara sobre certos assumptos. A constituição dos Estados-Unidos estatue a prioridade de iniciar da camara em relação ás leis de percepção de impostos, admittindo entretanto a colaboração do Senado. Na Inglaterra tambem só á camara dos commons é permittido o direito de iniciativa sobre alguns objectos, impedindo até a apresentação de emendas por parte dos membros formadores da hereditaria camara dos lords. Antigamente na França esse direito era da exclusiva competencia do rei, mas algum tempo após o advento da Republica, concederam-no democraticamente ao presidente e ás duas camaras. Por aqui se vê que a nossa Constituição actual, está de pleno accôrdo com muitas outras (mesmo com a Carta de 25 de Março) no ponto referente á restricção do direito de iniciativa ao senado. Grande tem sido o numero dos publicistas que têm acerbamente atacado esta limitação injustificavel; não sendo, aliás, pequeno o dos que procuram fundamental-a convenientemente. Dentre estes destacamos *Story* e *Black* que demonstram tal prioridade concedida á camara no facto de estarem os membros componentes desta mais directamente em contacto com o povo, que os senadores. Sim, isto é realmente aceitavel na Inglaterra que tem uma camara de lords que não é eleita; era razoavel em relação ao Brazil-imperio, onde havia como ainda ha em alguns paizes, o mandato senatorial vitalicio. E' toleravel nos Estados-Unidos que tem um

senado eleito indirectamente, pois que é votado pelos legisladores dos Estados. Mas em estados como os do Brazil, onde deputados e senadores são conjuncta e temporariamente eleitos, sahem do seio do povo, convivem com seus eleitores, de quem as vezes dependem, não pôde absolutamente ser justificada essa excepção que se faz as attribuições do senado. Já *Pomeroy* dizia que «essa disposição constitucional não sómente é inutil, mas tambem um embaraço na formação das leis». (*Sodriano — D. Pub.*, pag. 164). No nosso fraco e insignificante modo de ver achamos, pois, intairamente injustificavel esse preceito de nossa Constituição.

CICERO SYLVESTRE.

NOTICIARIO

Temos recebido e sinceramente agradecemos: o *Pharol*, publicado na capital; o *Município*, redigido em Lorena por J. Bittencourt; a *Phenix*, n. 1, revista mensal habilmente dirigida pelo sr. Quintino Macedo; o *Iris*, boa revistinha dos srs. Andreilino e Alfredo de Assis.

O *Academico*, posto que um simples atomo de imprensa brasileira, envia suas congratulações ao eminente mineiro Santos Dumont — co-rodador feliz da obra gloriosamente começada pelo padre B. de Gusmão.

Consta-nos que breve apparecerá a *Tribuna Academica*, jornal redigido por um grupo do escol dos alumnos desta Faculdade.

Honorio Ribêiro, marechal Neiva, general Savaget — brioso soldado que tão alto papel representou na campanha de Canudos, — José Avelino — o delicado e attrahente publicista, — Silveira Martins — o grande e glorioso tribuno do Imperio — e Moncorvo — uma das maiores glorias medicas deste paiz — foram as illustres victimas colhidas ultimamente pela cruel e incançavel Atropos. Paz e gloria aos saudosos extinctos e pezames á Patria enluctada!

Consta-nos que o sr. Flores da Cunha e mais alguns academicos iniciarão brevemente uma série de conferencias publicas sobre questões politicas.

Tem funcionado regularmente o *Club Academico*, dos alumnos do 3.º anno, tendo havido grande concorrencia em suas ultimas sessões onde se tem debatido a questão de forma de governo.

